

MEU CACHORRO
GOSTA DE LA



Alessandra Andrade



MELI CACHORRO
GOSTA DELA



Alessandra Andrade

Copyright© 2021
Alessandra Andrade

Conceito de capa
Alessandra Andrade

Capa
Alessandra Andrade

Projeto Gráfico
D. Calixto

Editor Responsável
D. Calixto

Assistente Editorial
Flaviane Calixto

Revisão
Virgínia Pimentel

Produção Editorial
Equipe Editora Nocego

Andrade, Alessandra

Meu cachorro gosta dela / Alessandra Andrade. -- 1. ed. -
Jequié, BA : Editora Nocego, 2021.

ISBN 978-65-993966-3-2

1. Literatura juvenil 2. Literatura 3. Conto I. Título

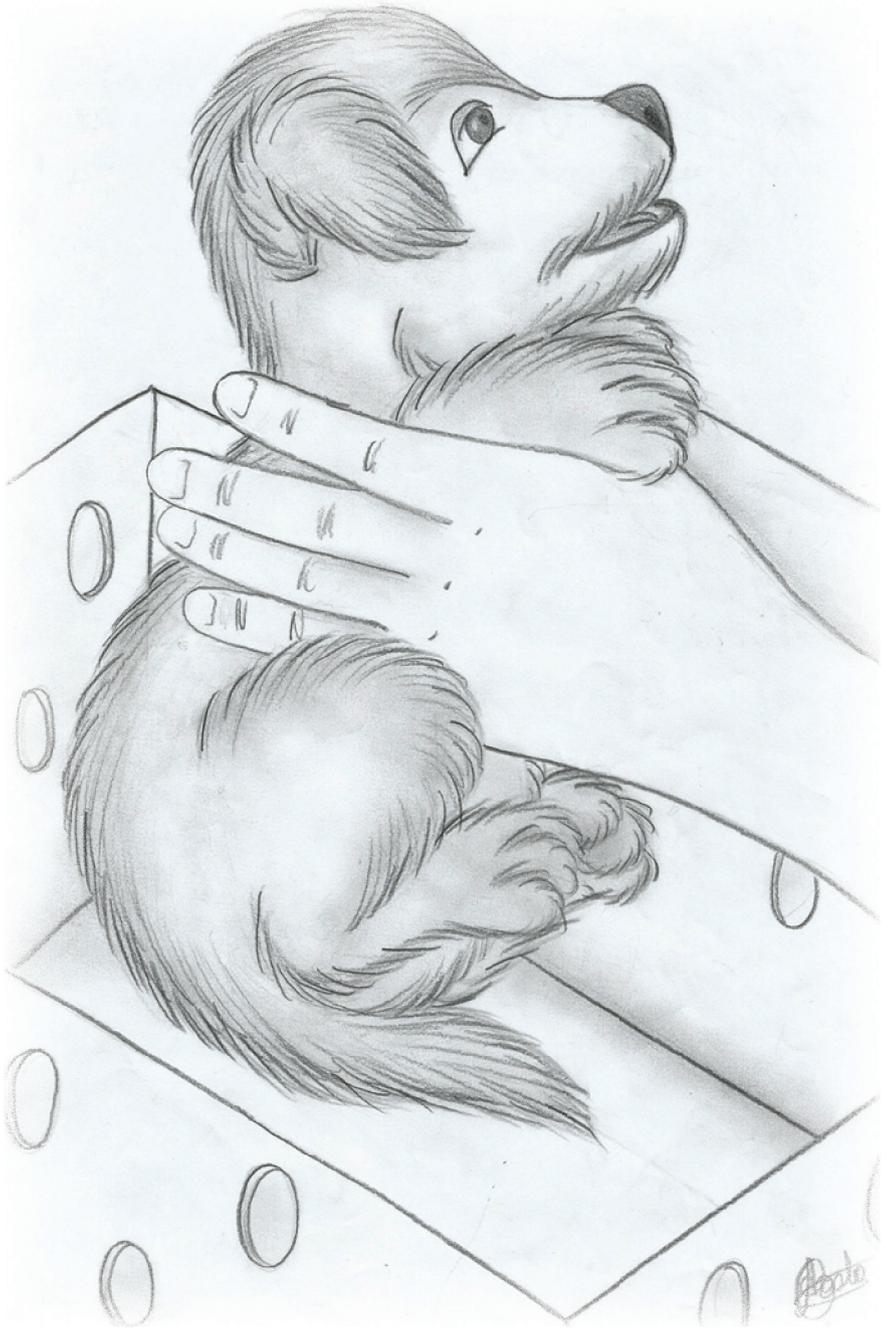
CDD-B869.1

Todos os direitos reservados.

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
Contatos: (73) 98873-7177
e-mails: editoranocego@gmail.com
kalixto.calixto@gmail.com
www.editoranocego.com.br

Sumário

O Presente	07
A Reforma	13
A minha nova vizinha	19
Uma visita inesperada	25
Perda reconhecida	33
O encontro	43
Sorte ou azar	53
A casa nova	65



O Presente

Eles se conheceram na agência de publicidade que Alonso trabalha. Kelvin não tinha muitos amigos, e este era o seu melhor amigo humano.

Kelvin disse desanimado para Alonso, enquanto conversavam em uma lanchonete. Eram sete da manhã e estavam sentados numa mesa próxima da janela.

— Ninguém mais iria acreditar se eu contasse.
— Disse Kelvin. — Imagine você que o meu rival é um cachorro.

— Como é que é? — Questionou Alonso. — Dá para falar sério. Aquele seu cachorrinho?

— É isso mesmo que você ouviu. — Kelvin prosseguiu.

— Então despeja... Fala logo. O que é desta vez?
— Alonso gostava de escutar as histórias de Kelvin, embora paciência não fosse o seu ponto forte.

— Vou lhe contar desde o princípio como tudo isto começou. — Disse Kelvin.

Mas vamos entender como as coisas aconteceram. Há um ano atrás... Numa manhã muito linda, que tinha tudo para ser o dia perfeito... E foi! Ele

estava regando as flores do jardim, em frente à sua casa. Foi quando ele avistou a sua tia Íris.

Ela estava com uma mala, a bolsa e uma caixa pequena com furos. Ele foi ao seu encontro, e é claro, pegou a mala, enquanto ela segurava a caixa com cuidado. Após um longo abraço começaram a conversar.

Ele estava feliz por ver a sua tia e logo a levou para dentro de sua casa. Kelvin tinha apenas a sua tia como única parente, foi ela quem o criou.

Já dentro de casa ela ainda não largava aquela caixa. Ela sentou-se, o olhou com um belo sorriso e lhe deu a caixa, ou seja, um presente. Ela esperava que gostasse, e pediu que tivesse muito cuidado. Quando abriu, lá estava. Era pequeno, belo, dócil, fofinho e branco.

Era um filhotinho de pastor alemão. Kelvin estava mesmo precisando de um animalzinho para se distrair. Ele o chamou de Capucho. Pois era tão branco quanto a espuma do leite. Passou a cuidar dele com todo carinho.

Agora que alguns pontos foram esclarecidos, podemos voltar para o que Kelvin estavam contando a seu amigo.

— Você se lembra da minha tia e do cachorro que ela me deu, não lembra?

— Claro! Conta logo que eu não tenho todo tempo do mundo. — Ele sabia que Kelvin gostava de dar voltas nas suas histórias.

— Eu acho que já vi este seu cachorro. — Alonso fez cara, duvidando de sua memória. Ele não era de prestar atenção nas coisas ao seu redor.

Apesar dos dois serem muito amigos Alonso quase não ia à casa de Kelvin. Mas estavam sempre se encontrando na lanchonete, para pelo menos tomarem um café juntos e pôr a conversa em dia.

— Claro que você já o viu Alonso! Como você não se lembra dele?!

O cão estava sempre com ele nas suas caminhadas. Ele chamava a atenção de todos que passam por eles. Nunca agrediu ninguém, era muito dócil. Não tinha como não se apaixonar por ele.

— Não tenho como pensar nisto agora. — Alonso começou a perder a paciência.

— A hora tá passando, eu tenho que trabalhar, e esta história tá ficando muito comprida. Fala logo! Onde a rivalidade começa?

— Tenha calma que eu já te libero colega. Está mais inquieto do que eu. — Kelvin não parecia muito preocupado em concluir a história.

— Para seu governo, Kelvin. Já é quase sete e meia. Trabalhar... Lembra? — Disse apontando para o relógio.

— Já estou quase terminando. Vai dá pra você chegar lá andando.

— Só para refrescar sua memória, eu tenho patrão. — Reforçou Alonso.

Kelvin reiniciou a narrativa sem dar muita importância ao que Alonso dizia, ele queria mesmo era desabafar.

— Como eu ia dizendo! O meu cachorro é muito brincalhão e como todo cachorro, gosta muito de cavar buracos nos jardins que encontra pela frente. E o preferido dele, para minha sorte é o do vizinho,

o jardim do casarão fechado, ao lado da minha casa. Desta casa você se lembra?

— Lembro sim. Aliás, desde que você foi morar lá, nunca vi aquela casa aberta, pra variar.

A história se tornava mais interessante para Alonso que por hora se esqueceu do seu tempo apertado.

Vendo o interesse do amigo, Kelvin prosseguiu:

— Em meus cinco anos morando naquela rua, só a vejo aberta nos finais de ano; quando vem um casal com dois filhos, um rapaz e uma moça que vão visitar a casa. Cumprimenta-nos de longe, entram, demoram um pouco e vão embora logo em seguida. E só no ano seguinte para vê-los novamente.

— Não sabe nada sobre eles?

— Curiosidade não me faltou. Segundo a moradora mais velha da rua. A Sr.^a Nina.

— Aquela que não é brasileira?!

— Sim! Ela é italiana, mas sempre viveu aqui desde criança. É muito meiga, tem um filho, e vive com ele, nora e netos. Infelizmente já é viúva. Seu esposo morreu há dois anos. Ele era brasileiro e se chamava Joel. Muito simpático também.

— Tu tá por dentro da vida de todo mundo da rua, né? — Debochou Alonso insinuando que seu amigo fosse um fofoqueiro. — E aí, o que ela disse sobre os donos da casa?

— Que a família viveu lá, desde quando o Sr. Artur e a sua esposa dona Fátima se casaram. Mas ela disse que quando os filhos deles já eram grandinhos, houve a oportunidade dele, comprar umas ações de uma fábrica de refrigerantes. E as coisas foram melhorando, ele foi comprando mais e mais ações.

Até que se tornou o segundo sócio dessa mesma empresa. Mudou-se da casa, mas nunca quiseram vendê-la. E não sei por que eles não alugam...

— Deve ser porque eles foram muito felizes lá. — Comentou Alonso.

— Deve ser por isto mesmo. A casa é linda por fora. Gostaria de entrar nela um dia.

— Quando isto acontecer me convida. — Alonso logo se alto convidou.

— Bem-vindo ao clube. Vamos esperar juntos e sentados para não cansar! — Kelvin debochou de seu amigo. — Da minha cozinha só dá para ver a piscina, o jardim e a lateral dela. Dizem que a casa tem muitos cômodos. E que é datada dos anos quarenta, eu acho. E se for tão bonita por dentro quanto é por fora, vale apenas preservá-la.

— Você tem sorte da sua casa ser de andar.

— É meu consolo. De lá tenho uma vista privilegiada da rua.

Alonso preocupado olhou para o relógio em seu celular e viu também uma chamada perdida.

— Dá para continuar esta conversa amanhã? Já estão me ligando do escritório. — Explicou Alonso já se levantando. — Eu já vou. Tchau!

— Espera aí cara, já está no final.

— Se eu ficar aqui por mais um minuto o único fim que eu verei é o meu. — Alonso seguiu em direção a saída, e lembrou-se que não havia pagado o seu café. — Há! A propósito amigo, você paga a minha conta hoje.

Kelvin arregalou os olhos e disse: — Isto não vai ficar assim...



DOIS

A Reforma

No dia seguinte Kelvin não foi caminhar, deixou seu cachorro em casa e seguiu para a lanchonete para se encontrar com Alonso, que a primeira coisa que fez ao acordar, foi enviar uma mensagem ao amigo para tomarem café juntos.

Kelvin entrou na lanchonete e ao se aproximar de Alonso, este foi logo dando risadas dele.

— Que cara é esta? Não dormiu bem? — Disse ele gozando da cara de Kelvin. — Pois eu não dormir direito querendo saber o final da sua história, senta aí e me conta tudo.

— Eu dormi mais ou menos, trabalhei até mais tarde. E como se não bastasse meu cachorro comeu o meu tênis de corrida.

— Teu favorito?

— Sim. Mas fazer o quê? — Lamentou e mudou de assunto. — Bem vejamos de onde eu parei.

— Espere! Vou pedi meu café primeiro. — E estendendo a mão, gritou para chamar a atenção da balconista. — Hei Priscila, o de sempre, por favor.

Ela perguntou: — Para os dois?

— Sim. — Kelvin respondeu.

— Agora pode falar. — Alonso estava ansioso para saber da história.

— Bem, ainda é sobre a casa. Certo dia, como era de costume, eu e meu amigo peludo, fomos à pra-
cinha. Nesse dia, resolvi sentar na grama para vê-lo
correr e brincar. Algo me incomodava, como um
pressentimento. Eu estava certo! Ao retornarmos,
já eram quase oito horas, e vi um carro de uma re-
formadora de imóveis em frente à casa.

A garçonete se aproximou com o pedido deles.
— Aqui está.

— Obrigado! — Alonso agradeceu pelos dois.

Kelvin prosseguiu:

— Passaram o dia inteiro no casarão, e foi assim
nos quatro dias que se seguiram. Na semana se-
guinte, outra empresa retornou com alguns móveis.
Ele deve ter decorado a casa também. Segundo o
que me disse uma de minhas vizinhas, quando a
antiga família se mudou, deixaram alguns dos mó-
veis para trás. Na verdade, todos acreditaram, lá na
rua, que a família do Sr. Artur iria voltar a morar lá.

— E não voltaram?

— Não.

— Eu não sei como você suporta este suspense
kelvin. Você é muito curioso e bisbilhoteiro. E não
sabe quem é o novo morador.

— Calminha aí, Alonso. Quem lhe disse que não
fui à luta? Duas semanas depois daquela movimen-
tação na casa, eu estava tentando me concentrar no
trabalho, lá na minha varanda. Pois o meu belo ca-
chorrinho estava muito brincalhão neste dia, pas-
sou o tempo tentando tirar a sandália do meu pé, se

eu vacilo, ele teria comido ela, igual fez com meus tênis.

— Esquece o cãozinho e conta o que descobriu.

Percebendo a ansiedade do amigo resolveu fazer suspense.

— Chegou um carro branco, e dele saiu um homem... — Deu uma pausa. — Abriu a porta da casa e retornou ao carro para pegar as malas. Foi quando eu notei que eram muitas e havia um baú que não só parecia pesado, era mesmo bem pesado!

— E então era o morador? E aí? Conta logo!

Voltando a falar, disse:

— Eu me ofereci pra ajudar, é claro.

— E daí?

— E daí... Que perguntei se ele queria que eu ajudasse a carregar a bagagem. E ele respondeu: “Sim. Agradeceria muito.” — Eu me arrependi muito! Pois aquele baú parecia conter chumbo e pedras dentro. Quando terminamos de carregar aquela bagagem toda, eu já estava exausto.

— E aquele sínico, teve a coragem de debochar e ainda me perguntou. — Cansou amigo? — Eu tive que ser educado. Quem mandou ser um oferecido!

Alonso não entendeu o porquê de Kelvin ter chamado o homem de sínico. Então ele reclamou.

— Vocês só ficaram de papinho? Não tem mais nada?

— Não! Mas eu não perdi a chance de perguntar mais coisas, e comecei pelo nome dele: Carlos.

— Pra quê?!

— Espere! Ele me agradeceu, apertou a minha mão e eu todo exibido comecei a falar. — Não foi

nada, sempre que precisar estarei aqui às ordens. Eu ainda disse que esperava que nós dois fôssemos muito amigos daquele dia em diante. Aquele homem sorriu e me disse:

— Não... Espere um pouco colega. Não sou eu quem vai morar aqui, sou apenas um carregador de malas do hotel. Não vê que estou de farda? — Ele apontou para o seu bolso e continuou: — E o slogan do hotel em meu bolso é o mesmo do que está na porta do carro.

Alonso deu uma gargalhado da cara que Kelvin fez.

— Há, cale-se!

— Fiquei surpreso com aquela confissão. Então perguntei, se não era ele, quem é que vinha morar aqui? E sem pestanejar me disse: — Também não sei.

Alonso se segurou na cadeira rindo.

— Por esta, você não esperava, né amigo?

— Não mesmo! Não pude esconder a minha cara de decepção, e exigi uma explicação! — Como não?! Você deveria saber!

— E?

— Ele começou a contar que o gerente lhe entregou a chave da casa e o carro, já com as malas dentro, mandou que ele entregasse naquele endereço. E que se ele soubesse que eram tão pesadas teria trazido um colega de trabalho para ajudá-lo.

— Entende agora?

— Sim.

— O meu quebra cabeça só ganhava peças e eu nunca encaixava nem uma. Ele se foi, mas deixou

a minha curiosidade ainda maior. Ôh, arrependimento!

— Só isso? — Alonso esperava um desfecho melhor para aquela novelinha.

— Só!

— Eu preciso retornar ao meu trabalho e não sei por que eu ainda paro para ouvir você.

— Escuta! À tarde dei a minha caminhada básica e à noite, fui dormir cedo. Não tinha nada pra fazer, e na TV não estava passando nada de interessante.

— Que decepção, ouvindo isto de você.

— O decepcionado aqui sou eu!

— Conta logo o resto, depressa. Logo estarão me ligando do escritório, de novo, por sua causa.

— Por minha causa? Você quem me chamou aqui hoje.

— Eu pensei que essa sua história terminaria hoje, mas pelo visto vai a semana toda. — Choramingou Alonso. — Desta vez fico desempregado... Com certeza.

E mais uma vez Alonso saiu sem ouvir o final da novelinha de Kelvin.



Boyle

TRÊS

A minha nova vizinha

A casa onde Kelvin morava, era de andar. A cozinha era em cima, porque ele adaptou para facilitar o seu dia-a-dia. Seu quarto e banheiro também. Tudo muito próximo. Embaixo um dos cômodos era do seu escritório ou ateliê de desenho, outra a sala de som e TV e a outra sala para receber visitas. Havia também uma varanda, onde ele ficava com muita frequência, observando a sua vitrine viva, de onde tirava inspiração para os seus desenhos. Tinha também outra paixão que eram suas flores no jardim bem em frente à casa.

Os dois amigos passaram uns três dias sem se encontrarem. Mas Alonso curioso para saber como o caso terminava. Ligou para seu amigo.

— Estou aqui na lanchonete. Dá pra terminar a historinha hoje?

Kelvin respondeu hesitando.

— A hora já está um pouco avançada, acho que você vai se atrasar novamente. Tem certeza que quer continuar?

— Nem que seja um pedacinho, mas eu quero ouvir. Venha logo!

Já na lanchonete Alonso protestou pela demora:

— Até que enfim você chegou.

— Tá, tá, tá... Pare de reclamar! — Ignorando os choramingsos do amigo Kelvin se sentou e fez o seu pedido. Alonso já estava quase terminado o seu desjejum e Kelvin sem cerimônia deu prosseguimento à história:

— Você vai gostar do que vou te contar hoje. Ontem acordei cedo, coloquei a chaleira com a água para fazer o meu café. Fui ao banheiro. Após voltar de lá, coloquei a ração de Capucho e troquei a água dele. Preparei um sanduíche de presunto, queijo e ovos, enquanto esperava a água ferver. Como era de costume, cheguei até a janela da cozinha, de onde eu olho o tempo e a única paisagem que tenho. E você sabe que de lá do alto dá para ver quase tudo do casarão ao lado, que depois da reforma, o jardim e a piscina... Que beleza! Ambos ficaram magníficos. — Kelvin deu uma pausa deixando Alonso mais uma vez nervoso. E pausadamente continuou. — E para minha surpresa, naquela manhã havia algo a mais para se admirar, ou melhor, alguém!

Alonso logo se atentou para a palavra 'admirar'. Só tinham três coisas que ele admirava na vida, e conhecendo seu amigo, deduziu ligeiramente em pensamento. — Se a primeira coisa de que ele mais gosta é desenhar e a terceira é de flores, ele só pode estar se referindo a sua segunda preferência... Mulher! — Rapidamente disse em voz alta:

— Então quer dizer que o novo inquilino se tratava de uma mulher?

— Bingo! — Disse Kelvin, começando a falar rapidamente. — Eu fiquei imóvel, a água fervia e eu nem se quer tinha a menor ação de desligar o fogo.

Era ela a minha nova vizinha; deslumbrante, sentada à beira da piscina, tomando banho de sol. Nem percebi quando ela se levantou e entrou na casa. — E mudando de tom de voz, se lembrou de como acabou aquele momento. — E como de um transe hipnótico, acordei com o latido do meu cachorro.

— E então, ela não voltou mais para o quintal?

— Não sei. Como sempre, terminei o que tinha de fazer sai para caminhar. — Em seguida, sorrindo para seu amigo, prosseguiu. — Mas, mal coloquei os meus pés do lado de fora de casa e ela passou por mim com roupas de ginástica, correndo levemente pela calçada e dobrou a esquina, talvez, apenas desse uma volta pelo quarteirão. E como sempre, fui correndo até a pracinha com meu fiel amigão.

— E como ela é? — Perguntou Alonso curioso.

— Ah... Ela é linda, mais ou menos de minha altura, magra, cabelos não muito longos e cacheados de cor castanhos escuro. Deve ter os olhos castanhos também, a pele limpa como a de uma boneca, seu rosto bem corado e o nariz arrebitado, boca pequena... Parece uma modelo.

— Gostaria de conhecê-la. — Comentou Alonso.

— Eu também...

— Mas você tem mais chances do que eu. — Retrucou o amigo.

— Vai chegar a seu dia. — Kelvin tentou achar uma solução para consolar o amigo. — Vamos combinar um final de semana para caminharmos juntos e eu lhe mostrarei como ela é.

— Vou esperar sentado, no que depender de você!

— Eu cumpro as minhas promessas. Se não quer fala logo. — E como eu ia dizendo... Capucho gosta de frequentar o jardim da casa onde ela agora mora, e entre eles, nasceu uma linda amizade, que acabou com a minha.

— Não seja dramático.

— Por que não? — Não é com você. — Kevin teve um minuto de revolta. — Quer saber? Não quero mais conhecê-la e nem mostrá-la pra você.

— Agora tá de birra? — Bravejou Alonso. — A hora está passando, e eu já estou indo!

— Acabo de pensar no assunto, ela não vai ser uma boa vizinha. O meu cachorro não sai de lá. E quando estou na praça ele dá toda atenção só para ela. E quando tento me aproximar deles, sempre aparece alguém para conversar, ou comigo ou com ela, e o tempo passa até que um de nós vai embora primeiro.

— Quanto tempo tem que ela mora perto de vocês?

— Sei lá... Uns três ou quatro meses.

— E nunca trocaram uma palavra! — Alonso estava perplexo.

— Na verdade eu falo um “bom dia daqui”, outro “boa tarde” dali...

— Não tô te reconhecendo colega.

— Certo dia ela viajou e ficou algumas semanas fora, o meu cachorro, adoeceu sentindo a falta dela. Ele não comia, não brincava, só ia aos passeios forçado, à noite uivava incomodando toda a vizinhança. Foram semanas difíceis para nós dois. Passados os dias em que ela esteve viajando, nós dois, está-

vamos na varanda descansando após o almoço. Eu em minha rede com o notebook dando uma olhada em alguns e-mails e ele deitado no carpete parecendo que estava morto. — Ela viajava com frequência, mas sempre por poucos dias.

— Pobrezinho. — Alonso ficou com dó do cachorro.

— Pobre de mim que estava sem dormir direito.

— Não reclame tanto! Pelo menos você não tem que cumprir horário.

— Você pode estar certo. — Justificou Kelvin. — Mas ainda preciso de uma boa noite de sono para trabalhar direito.

— Vamos, prossiga.

— De repente ele presentiu a chegada dela. E foi ao seu encontro. Levantei rapidamente e presenciei o meu cachorro dando largas passadas indo na direção de um táxi. Mal a moça havia saído do carro, ele pulou em cima dela, abanando o rabo e lambendo-a. Tudo aconteceu muito rápido.

— O que você fez?

— Corri até eles e puxei o cachorro pela coleira, e pedindo desculpas voltei para casa arrastando-o à força.

— E ela reclamou?

— Não. Falou para deixá-lo à vontade. Não mesmo!

Alonso olhou no relógio.

— É Kelvin, a novela tá mesmo emocionante, mas eu tenho que ir. Já são mais de sete e meia. Tchau! Amanhã você termina.

— Até mais. — Sussurrou Kelvin zangado com suas lembranças.

Alonso saiu da lanchonete apressado, pois sabia que iria receber uma boa reclamação por conta do horário. Ele tinha que está lá até as oito horas. Kelvin já não tinha este tipo de problema, ele era seu próprio patrão, ou seja, ele só tinha obrigação de desenhar e entregar o serviço do jeito que o cliente exigisse. Ele era um cartunista.

— Jonas! — Disse Kelvin chamando o balconista. — Quando eu lhe devo?

— Um pão com manteiga, as broas de milho mais um café com leite... R\$ 8,50!

— Toma aqui dez 'conto' fique com o troco, e até amanhã. — Deixando o dinheiro sob o copo, foi saindo meio apressado.

— Ok, Kelvin. Volte sempre. — Disse Jonas.

Kelvin voltou para casa com uma única certeza de que não iria desistir tão fácil.

QUATRO

Uma visita inesperada

No dia seguinte, Capucho pulou em cima da cama de Kelvin acordando-o.

— Capucho! Quanta alegria é esta, amigo? — Kevin chacoalhava as mãos no pescoço dele enquanto o mesmo o lambia euforicamente. — De volta aos velhos tempos! — A sua alegria tinha uma razão, a vizinha estava de volta.

Capucho ficou ali até que kelvin se levantasse. E depois foi até a cozinha e sentou junto ao prato de ração, latindo e abanando o rabo, dando pressa ao seu dono. Antes de qualquer coisa que Kelvin precisasse fazer, teve que alimentar seu cachorro primeiro.

Apesar de Capucho ter dormido a noite toda sem incomodar ninguém. A noite não havia sido das melhores para Kelvin. E acordar com um carinho mesmo que por interesse foi melhor do que nada.

— Vou tomar um banho. — Disse ele para Capucho. — E você se comporte.

Kelvin saiu do banho trajando apenas uma cueca e um roupão o qual deixou aberto. Colocou água na chaleira e levou-a ao fogo. A campainha soou e ele meio desajeitado e curioso desceu as escadas com certa pressa e foi até a porta se perguntando:



— Quem será a uma hora dessas? — Capucho estava logo atrás.

— Será que Alonso veio tomar café com a gente Capucho? — Ao abrir a porta, teve uma surpresa...

— Bom dia. — Era ela, a vizinha.

— Bom dia! — Disse ele surpreso tratando logo de fechar o seu roupão.

— Me desculpe por está vestido assim, terminei de tomar banho. — Ele justificou meio que sem graça. — Esperava que fosse um amigo.

— Sou eu quem tem que pedir desculpas por te incomodar a esta hora, mas é que me deu uma vontade louca de tomar café. E você é um dos poucos que acordam bem cedo... Que eu saiba. — E segurando uma tigelinha, mostrou para ele. — Se não for pedir muito, gostaria que você me conseguisse um pouquinho de pó de café. — A moça não parava de falar.

Kelvin fez um gesto para que ela entrasse. Ela entrou, mas continuou a falar.

— Muito obrigada e com licença. Sabe como é não sou acostumada a tomar café, mas de vez em quando é bom. A minha profissão não permite que eu extrapole. — Capucho ao vê-la entrar, fez uma festa, foi logo pulando em cima dela. Ela passava a mão nele tentando agradá-lo enquanto conversava com Kelvin. — Tenho uma dieta a seguir, para que tudo em mim esteja sempre bem apresentável: cabelo, pele, saúde...

— Em que trabalha? — Perguntou Kelvin ao mesmo tempo em que puxava seu cachorro para que ela pudesse entrar.

— Sou modelo fotográfica.

Capucho que desde o momento em que ela entrou, mendigava por sua atenção, resolveu latir.

— Oh! Meu fofo amiguinho quer carinho?

Kelvin ficou um pouco enciumado. Falou ele em seguida:

— Vamos subir. A minha cozinha é lá em cima.

Ela o acompanhou, mas não parou de falar.

— Há! E não é só isto, dormir bem e praticar exercícios diários, é quase que uma obrigação.

Então Kelvin olhando para água que fervia teve uma ideia para tentar segurá-la, e disse.

— Não prefere ficar e tomar café aqui mesmo, comigo e Capucho?

Ela já abraçada e ajoelhada no chão com o cachorro, respondeu.

— Não é necessário, eu preparo o meu café em casa. Não quero incomodar mais do que já estou incomodando.

— Eu insisto, a água já está fervendo. E se quiser levar o pó também, fique à vontade. — Ele colocou o pote com o pó de café em cima da mesa para que ela enchesse o seu potinho.

— Está bem, eu aceito. — E se colocando de pé completou: — Mas, vou ajudar, não sou de ficar só olhando.

Com um sorriso ele disse.

— Seja bem-vinda à minha cozinha. Fique à vontade para fazer o que quiser.

— Fique tranquilo, quando eu terminar, deixarei tudo do mesmo jeito que eu encontrei.

— A propósito, qual o seu nome? — Perguntou ela.

— Kelvin. — E estendeu a mão.

— O meu é Queila. — Ela retribuiu o aperto de mão.

— Vai ser um prazer tê-la como vizinha. — Kelvin se contradisse ao que tinha dito a Alonso no dia anterior.

— Obrigada!

Ela estava se sentindo em casa, muito organizada não fez bagunça. Ele aproveitou para perguntar quase tudo o que queria saber sobre a moça. Até que ela parou de falar e disse:

— Agora que você já sabe tudo sobre mim, é a sua vez. O que você faz? Por que pelo visto, leva uma vida boa.

— Eu trabalho por conta própria.

— Mas o que exatamente você faz para ter tanta moleza?

— Presto serviços para vários tipos de clientes que queiram uma ilustração minha. Em outras palavras eu desenho. E ganho o suficiente para sobreviver.

— E esta casa é sua? — Disse ela olhando ao seu redor.

— Sim, era dos meus pais.

— Onde eles estão agora?

— Faleceram em um acidente de carro quando eu era adolescente.

— Que pena!

Kelvin não queria falar sobre este assunto e fez uma pergunta.

— Você também trabalha por conta própria?

— No meu caso trabalho para uma agência de modelos, é através deles que consigo trabalho. Eles dizem que tenho beleza, mas não tenho altura o suficiente para desfilas, por isso só sirvo para fotografia.

— Quanto a mim, poderia está trabalhando para alguma agência de publicidade ou algo parecido, mas como não houve oportunidade, o jeito foi me virar sozinho. E não é que deu certo? Hoje não preciso de ninguém.

A moça olhou para a janela e percebeu que o sol estava mais forte.

— Kelvin, que horas são?

— São quase nove. — Disse ele olhando para o relógio na parede atrás dela.

— Kelvin, muito obrigado mais uma vez pelo café, pelo pó, pela atenção... Mas eu tenho que ir. Qualquer hora vá até minha casa, terei enorme prazer em recebê-lo.

— Vai embora porque quer!

Ela deu um sorriso. — Já atrasei muito o seu dia, até mais. A jovem foi se levantando e Capucho também. Que percebendo que ela estava de saída desceu as escadas correndo em direção a saída. Quando chegaram até a porta, Kelvin a abriu para que ela pudesse passar e Capucho não perdeu tempo, e escapou por uma brecha entre as pernas de seu dono e a acompanhou até sua casa, que por lá ficou o dia todo.

— Lá vai ele de novo. — Resmungou Kelvin. — Eu mereço.

Para Kelvin foi uma mistura de sentimentos. Ele estava feliz em ver sua musa lhe fazendo companhia na hora do café da manhã e chateado por seu bichinho não querer saber dele. Meio abobalhado ficou falando sozinho. — Ela entrou na minha casa, mexeu na minha cozinha, fez meu café... — Suspirou.

— Quem diria? — E lembrando-se do amigo sorriu e pensou. — Deixa só Alonso saber disto?



Perda reconhecida

Alguns dias se passaram e Capucho cada vez mais se apegava a casa dela. E Kelvin, depois que teve o prazer de conhecê-la, ficou sem jeito para tomar uma atitude em relação a seu cachorro. E ainda mais enciumado com a amizade entre os dois. Nem cumprimentar a moça direito, ele estava fazendo mais. É claro que a jovem percebeu a diferença em seu comportamento, só não sabia o porquê. Então para tirar as suas dúvidas, Queila teve a seguinte ideia. Ela pediu a Kelvin que lhe ajudasse a trocar um móvel de lugar. Ele não teria como negar. Acreditava que se ele negasse ou se mostrasse desconfortável em atender ao seu pedido, isto seria prova o suficiente de que algo estava errado entre eles. Mas ainda assim, por que?

Ela foi até a casa dele. — Olá! — Ela esperou por uma resposta, mas ele só acenou com a cabeça. — Eu queria te pedir um favorzinho. Se você não estiver ocupado.

— Pode dizer o que é. — Respondeu com seriedade.

— Eu preciso trocar uma cristaleira de lugar, mas não consigo sozinha. É muito...

Não deixou que ela falasse mais. — Tudo bem. Entendi. Eu te ajudo.

— Pode ser agora? — Perguntou pausadamente como que espera por uma bronca.

Ele olhou para sua mesa cheia de coisas para fazer, mas mesmo assim disse a ela: — Sim. Vamos?

Ela estava atenta a cada gesto dele. Até o presente momento, a única coisa que ela havia notado era o seu silêncio.

Ao entrarem na casa, ela o estava levando até a sala de jantar. E enquanto caminhava pelo corredor ele viu duas portas de lados opostos, mas elas não ficavam de frente uma para a outra. Ao passar pela primeira viu o seu cachorro deitado em uma cama própria para ele, pratos com água e ração e diversos brinquedos. Para Kelvin, ver aquilo foi como um tiro no coração. Ele passou em frente à sala devagar e o seu semblante mudou. Mas ela não percebeu porque estava andando na frente dele para lhe indicar o caminho.

A porta seguinte era a da sala de jantar.

— Veja Kelvin. Eu queria colocar esta cristaleira entre estas duas janelas. Não ficaria bonito?

— Sim. — Respondeu de forma grosseira.

Ao perceber o seu tom de voz, questionou. — O que foi? — Tentou brincar um pouco. — Isto é um sim ou não?

— Não foi nada. Vamos logo com isto que tenho outras coisas para fazer.

— Kelvin. — Disse preocupada com o seu comportamento. — Se eu estiver atrapalhando com o seu trabalho, pode deixar... Fica para outro dia, ou nem precisa mais se incomodar. Isto é só um capricho meu.

Ele respondeu baixinho. — Só um dos muitos caprichos.

— O que disse?

— Nada. E não se preocupe, dá tempo fazer isto para você.

— Se você tá dizendo... — Kelvin ficou quase todo o tempo calado, falou apenas o necessário.

Ao terminar ela quis ser gentil. — Kelvin, nem sei como te agradecer. Aceita algo para beber? Pelo menos uma água? Você está suando. Cansou?

— Não foi nada, tenho que ir. Tchau. — Falou isto sem nem olhar para ela.

— Eu te acompanho.

— Não precisa. — E deu as costas para ela se deparando com o seu cão.

Neste instante Capucho sai de dentro da sala e vê Kelvin e tenta segui-lo.

— Pode ficar Capucho. Não precisa voltar. Você está sendo muito bem tratado aqui.

Capucho simplesmente deu a volta entrou na sua nobre sala.

— O que você quer dizer com isto? — Mas, ela não obteve resposta. — É por causa do cachorro e das coisas que comprei para ele?

— Não pense besteira, eu só disse que ele pode ficar. Só estou cansado e tenho ainda muita coisa para fazer.

E saiu sem falar mais nada e ela ficou parada na porta, pensando, porque ele estava agindo daquele jeito com ela. Tanto pensou que chegou à conclusão que ele estava com ciúmes dela com o cachorro. Afinal o cachorro era dele.

No dia seguinte, Kelvin que já havia passado a noite sem o seu cachorro, resolveu ir tomar café na lanchonete onde seu amigo Alonso costumava tomar café todos os dias. Como estava indo sem avisar, com um pouco de sorte ele ainda estaria lá como de costume.

— Alonso! — Ele entrou acenando com uma das mãos para que o amigo o notasse.

— Kelvin! Que bom que você apareceu. Como tem passado?

— Não muito bem.

— É aquele mesmo problema?

— Sim.

— Então me conte tudo. Você pode desabafar à vontade... Hoje eu tenho tempo do mundo.

— Por quê esta folga toda?

— Por um golpe de sorte, precisei ligar para o escritório antes de sair de casa e me informaram que o sistema caiu. Eu tô ligando o tempo todo para saber se voltou. Quem sabe o patrão dispensa todo mundo hoje.

— Tô pagando pra ver. Aquele! Não libera nem o ar que respira. — E riram juntos.

— Vamos deixar de conversa fiada, e vá me contando o que houve depois da nossa última conversa.

— Ontem eu entrei na casa dela.

— O quê? E como foi?

— Do jeito que eu imaginei; grande, bonita e bem arrumada. — Não era isto o que Alonso queria saber.

— Mas isso não é tudo. Pela sua cara você não gostou tanto assim.

— Não mesmo. Na verdade, havia uma sala com tudo o que um cachorro poderia querer.

— E o que você fez?

— Na hora nada. Resolvi abrir mão de Capucho.

— O quê? Você não gosta mais dele?

— Sim, mas... Se ele não voltar mais, pelo menos sei que foi a vontade dele, eu só fiz dar uma mãozinha.

— Sinto muito por você Kelvin. Eu não pensei que iria terminar assim.

De repente ela entra na lanchonete acompanhada de uma amiga, mas, a princípio, ela não o vê.

— Olhe, Alonso. É ela!

— Qual delas?

— A que entrou na frente, de cabelos longos.

— Uau cara! Eu queria ser o seu cachorro.

— Não brinque com isto, o caso é sério. Pelo menos para mim.

— Kelvin, ela está olhando pra cá.

— Eu preciso me esconder. — Falou dando as costas para não ser notado.

Sussurrou Alonso. — Não dá mais, ela está aceitando.

— Pronto o meu dia está completo.

Então ela se aproximou e o cumprimentou:

— Oi Kelvin, não vai me apresentar seu amigo?

Kelvin pensou. — Vou perder outro amigo. — Mesmo assim sorriu sem graça:

— Queila, este é meu melhor amigo Alonso.

— Muito prazer Alonso.

Alonso prontamente se colocou em pé estendendo sua mão. E enquanto ela estendia a sua também. Kelvin completou.

— Alonso esta é a minha vizinha Queila, de quem te falei.

— Encantadíssimo. — E beijou o dorso da sua mão.

— Que fofo, um homem a moda antiga.

— O que pensa que está fazendo? Você não faz isto com ninguém. Por que logo com ela? — Disse Kelvin separando as mãos deles.

Ela sorriu vendo o amigo pirraçá-lo.

— Falavam de mim?

— Mais ou menos. — Falou o seu nome de forma irônica. — Queila!

— Kelvin não seja mal-educado. Convide a moça para sentar com agente.

Disse olhando rapidamente para a amiga.

— Não pretendo demorar Alonso. Preciso passar na agência e estou acompanhada.

— Eu insisto. Chame sua amiga para se sentar com a gente.

— Estar bem. Só vou demorar o suficiente para Kelvin me contar o que ele falava sobre mim. Depois vou embora!

Ela foi até sua amiga e falou com a ela para esperar um pouquinho no carro.

— A propósito onde está o capucho? Perguntou Kelvin só para provocar.

— O seu cachorro está sentado na sua varanda esperando por você. Por que, não vai para casa agora?

— Não deveria telo deixado solto! Se ele está sob sua responsabilidade.

— Sinto muito. Mas não foi a minha intenção.

— Claro que não foi a sua intenção. Assim como não foi pegá-lo pra você.

— O que disse?!

— Pensa que eu não vi o que você faz por ele. Como se fosse seu!

— E ele ainda é seu! Já disse, nunca foi a minha intenção tomar o cachorro de você.

— Não se importe comigo. Morei por muito tempo sozinho, não vai ser difícil voltar a ficar só.

— Que mal tem em gostar do seu animal e tratá-lo bem?

— Mal nem um. Mas se gasta tanto, crie o seu.

— Não posso! Passo muito tempo fora de casa. Sabe disso.

— Então porque o atrai se não pode assumi-lo? — Kelvin parecia querer chorar, mas não fez.

— Quando você viajou quem passou as noites em claro com ele chorando, fui eu! O coitado nem se quer comia.

Alonso estava sem saber o que fazer no meio daquela discussão. Neste momento o tom de voz dos dois baixou.

— Eu não soube disso. Porque não me contou?

— Eu só sei que perdi mais do que um presente que minha tia me deu, perdi meu amigo.

O celular de Alonso tocou. E ao olhar no visor disse:

— Desculpe interromper. Eu preciso atender a ligação do escritório. Por favor, não briguem, tá todo mundo olhando.

— Pode ir Alonso. — Disse Kelvin, parecendo estar mais calmo.

Ela retomou a palavra. — Kelvin. O que quer que eu faça para concertar está situação?

— Cuide bem dele.

— Mas ele ainda é seu!

— Ele não sabe disso.

— Sabe sim!

— Ele não me obedece mais. Sempre que retorna para casa já está bem alimentado. Semana passada, joguei a ração fora, pois já havia três meses de comida, e aberta se estragou. Coisa que nunca aconteceu antes.

Ela olhou para o relógio.

— Bem. Tenho realmente que ir, já está na minha hora. Mas está conversa não terminou.

Neste momento Alonso retorna.

— Alonso. Disse ela. — Foi um prazer conhecê-lo.

— Já vai? É uma pena que não possa ficar mais.

— Sei que teremos muitas outras oportunidades.

— Espero que sim.

— Quanto a você Kelvin. Tive uma ideia. Estarei lhe esperando as sete, e vá arrumado para sair. Vou te levar a um lugar bem legal, para que você se divertir e me conhecer melhor.

— Não me leve a mal, mas eu não quero sair. Muito menos com você.

— Não me decepcione. Esteja lá às sete!

Ela foi até o balcão, pagou pela água que havia pegado antes, e foi embora.

— É... — Disse Kelvin. — Também chegou a minha hora.

— Hora de quê? — Indagou Alonso.

— Eu tenho que trabalhar. E você, não vai?

— Até agora o sistema não normalizou. Mas vou para o escritório assim mesmo. Estão me chamando.

— Vou pagar a conta. — Mas Alonso o interrompeu quando ele se levantou.

— Kelvin espere um pouco. Você vai recusar o convite?

— Vou. Por quê?

— Não faça isto! É uma chance de provar várias coisas, a si próprio.

— Exemplo...

— Dê a ela a chance de concertar as coisas e mostrar que ela é uma garota bem legal. Eu acredito nela.

— Só isto?

— E provar a você mesmo que quer estar com os dois ao mesmo tempo.

— Você pirou de vez.

— Pense bem, se você não for neste encontro, quem pirou de vez foi você.

— Prometo que vou pensar. Agora me deixe pagar a conta que eu tenho que ir. Aquela doida deixou o meu cachorro do lado de fora.

Kelvin passou o dia pensando no convite, se iria ou não. Sentia-se mal depois daquela discussão. Não era do seu feitio bater boca com as pessoas, muito menos em público.



SEIS

O encontro

Parecia estranho, mas era verdade. Capucho passou o dia dentro de casa. Parecia saber que o que estava acontecendo era por sua causa.

Quando o relógio marcou cinco horas, kelvin teve que se decidir se iria ou não ao tal encontro.

— Viu só. — Disse ele, para o cachorro. — Agora por sua causa vou ter que sair com ela. Sinto-me no velho oeste. Está perto do pôr do sol e o duelo pelo meu cachorro vai começar.

Capucho se levantou e o deixou falando sozinho.

— É assim!... — Indignado com o desprezo do animal tomou uma decisão.

— Resolvi! Irei a este encontro. Mas não por você e sim, por mim.

Apontando o dedo para o cachorro disse: — Quanto a você, fique aí latindo para as paredes, você vai ficar sozinho, assim como você acabou de fazer comigo.

E assim Kelvin fez. Após tomar o seu banho escolheu um bom perfume. — Não queria causar uma má impressão.

— Logo após, abriu o seu guarda-roupa e vestiu o que ele tinha de melhor para um encontro como aquele. Enquanto penteava os cabelos, Capucho

chegou até a porta do quarto e inclinou a cabeça passando a pata na cara, como se reprovasse alguma coisa.

Perguntou Kelvin.

— O que foi? — Capucho latiu e foi até o guarda-roupa e puxou uma calça preta.

— O que há de errado na cor da minha calça?

Capucho tornou a latir e Kelvin aceitando a sugestão do amigo, trocou de calça.

— E agora, como estou?

Capucho feliz abanando o rabo, respondeu com latidos. Kelvin sorrindo lembrou-se de uma coisa.

— Você aprendeu com ela como se vestir bem, não é garoto? — E Capucho latiu novamente.

— Então me deseje sorte. E abrindo os braços, capucho veio a seu encontro.

— Amigos de novo? Bom menino. Fique aí e se comporte. — Ele não conseguia ficar com raiva de ninguém por muito tempo. Principalmente do seu cachorro.

Já estava pronto, não lhe restava mais nada, mesmo sendo o convidado, pegou a sua carteira e conferiu o dinheiro, para um eventual ato de cavalheirismo.

Enquanto isto, neste mesmo instante, Queila se arrumava também e continuava indecisa.

— Ai... Com que roupa eu vou? Enjoei de pretinho básico e estas outras aqui, estão muito alegres, não pegam bem para esta ocasião.

Ainda trajando o seu roupão de banho, se deixou cair na cama de braços abertos, enquanto olhava para o teto, um filminho passava em sua mente

de todas as roupas que possuía, até que se lembrou de um vestido azul escuro de modelo soltinho, com um bordado discreto de ramas entrelaçadas com pedrinhas e um decote nas costas.

— É isto! Perfeito, tanto para um simples passeio como para uma pista de dança.

Começou a procurar a tal da roupa, e ao encontrá-la, deu uma boa olhada para ver se estava tudo em ordem, mas antes de se vestir, cuidou da maquiagem e do penteado; fez um rabo de cavalo. Como possuía franjas longas, ela deixou alguns fios soltos e desarrumados, um sapato de salto médio e por fim o seu vestido. E disse em frente ao espelho, empinando o seu nariz.

— Vestida para matar. — E fazendo um gesto de revolver com as mãos, deu dois tiros falsos no espelho.

Plim-bom!!!! — Coincidiu o gesto de tiro, com o som da campainha.

— A campainha!

Ela desceu as escadas correndo, pois já sabia que era ele. Ao abrir a porta, ficou boquiaberta.

— Kelvin! — Ao vê-lo, surpreendeu-se com o look do rapaz.

— Boa noite. — A olhou de cima a baixo, e apesar de ter achado ela bonita, não esboçou nem um elogio.

Tentando disfarçar o olhar e quebrar o climinha de emburrado, ela fez uma observação.

— Pontual! Gosto disto nas pessoas.

— Não querendo me gabar, mas está é uma das minhas qualidades.

— Que bom! Entre, só vou pegar a minha bolsa. Mas ele não entrou.

— Não se preocupe comigo, fique à vontade.

Ela retornou ao quarto e se olhou no espelho para dar uma conferida. Quando, viu o perfume, lembrou-se de que ainda não o havia usado. — Com esta fragrância não tem menino malcriado que resista, pensou. — Pegou a sua bolsa e conferiu se estava tudo em ordem e retornou para a sala. E ao descer as escadas ela perguntou.

— Kelvin. Sabe dirigir?

— Sim. Por quê?

— Aluguei um carro. Você pode dirigir para mim, é que estou de salto alto.

— Claro. Onde quer me levar?

— Tem um restaurante muito bom que costumo ir com as minhas amigas. Vou te mostrar um pouco dos meus hábitos. Depois... Eu pensei em te lavar para dançar. Você está mesmo precisando relaxar.

— Corta esta. Não estou no clima pra isto. Se considere uma vitoriosa já que conseguiu me tirar de casa.

— É o que veremos.

Já dentro do carro. Enquanto colocavam o cinto de segurança, ela não resistiu à curiosidade e resolveu comentar.

— Não me interprete mal, Kelvin. Mas estou encantada com o seu bom gosto para se vestir. Estou sempre te vendo de bermudas e camisetas, não imaginava que em seu guarda-roupa pudesse ter algo assim.

— Tive a ajudinha de um amigo peludo.

— Tem bom gosto, seu amigo. Preto lhe cai bem.
— Muito obrigado. Você não fica atrás.
— Eu?
— Porque a surpresa? Você é linda por natureza.
As roupas, só são um toque a mais.

— Assim eu fico sem jeito.
— Não é elogio, é a verdade.
— Deve ser o meu perfume te ludibriando.
— Se o seu perfume fez isto comigo, então o meu fez você inventar tudo aquilo sobre mim?

— Ohhh! Você tá me ofendendo. O que eu disse é verdade. Você está realmente muito bonito.

Vendo ele que os dois poderiam acabar discutindo novamente, resolveu parar por ali.

— Trocando de assunto. Pra onde nós vamos mesmo?

Ela mostrou o endereço na tela do celular e depois pensou. — Que rapazinho marrento!

Chegando ao restaurante ela o deixou escolher o prato.

— Você é o meu convidado, o quer comer?
— Eu quero uma boa macarronada!
— Não é justo Kelvin. Depois disto terei que me policiar em dobro para não engordar. Macarronada é muito calórica!

Ele caçoou dela, falou para ela sorrindo. — Já que vai engordar tanto assim depois do jantar, aproveite sua piscina para nadar. Dizem que além de ser um esporte completo, queima muitas calorias.

— Vou tentar seguir o seu conselho. Você é o meu convidado, hoje você pode tudo. Agora não tem mais jeito, eu vou comer.

— A propósito, obrigado pelo convite. Que tal começar queimando calorias está noite mesmo, a balada nos espera logo mais. Não é mesmo?

— Olha só pra isto! Para quem disse que não estava no clima, você está bastante animadinho.

— Estou apenas te ajudando, se não quer é só falar.

— Nem pensar!

Durante o jantar trocaram ideias e deram muitas risadas.

Ao término ela protestou.

— Olha só o que você me fez fazer. Passei dos limites. Agora terá que cumprir o prometido.

— Eu não prometi nada, foi você quem disse que me levaria a uma balada.

— Se é assim, vamos logo, o lugar onde quero te levar não fica muito longe daqui.

Kelvin se divertiu muito com ela na balada e conheceu alguns de seus amigos. Mais tarde, disse Kelvin já procurando um lugar para se sentar.

— Enjoei de dançar. Estou exausto.

Mas como a noite só estava começando...

— Não seja mole. — Reclamou ela. — Não são onze horas ainda. Vamos continuar dançando.

Ele se lembrou de um lugar e lançou a proposta.

— Tem um parque na cidade, quer ir até lá?

— Quero!

— Agora eu que pago, você é minha convidada de agora adiante.

Ao chegarem ao parque, se divertiram em muitos brinquedos. Depois de tanta adrenalina, resolveram brincar em uma coisa mais simples. Foram

brincar nas barraquinhas e se aproximaram da barraca de tiro ao alvo.

— Escolha o brinquedo que eu ganho pra você.

— Eu quero a boneca de porcelana!

Ele perguntou para o homem da barraca. — Moço, o que tenho que fazer para ganhar aquela boneca?

— Pegue estas dez bolas, quanto mais garrafas você derrubar, enquanto elas passam de um lado para o outro, maior será o prêmio. No caso da boneca são apenas seis pontos. Boa sorte!

— Muito obrigado.

— Kelvin se você ganhar esta boneca eu te dou um prêmio também. E com certeza você vai gostar.

— O que é?

— Não seja curioso. Ganhe primeiro.

Kelvin começou mal. Errou as duas primeiras. Não havia pegado o jeito ainda.

— Kelvin! Tenha mais atenção. Deste jeito a gente não leva nada.

— Pode deixar. — Tomou fôlego, mirou bem e acertou a primeira garrafa.

— Agora peguei o jeito!

Ao jogar as outras três bolas, acertou seguidas vezes, ficando envaidecido.

— Eu sou o cara! — Gritou ele cantando vitória.

Ao jogar a sétima errou feio.

— Kelvin! O que está acontecendo com você? — Ela lhe deu uma boa bronca.

— Quer ficar sem o seu prêmio? Experimenta perder.

Ele respirou fundo e disse:

— Agora é uma questão de honra. — Deixou a sua vaidade de lado e acertou mais uma e Queila começou a pular com euforia.

— Você ganhou! Você ganhou!

— Calma, ainda falta uma e só tenho duas chances. Preciso de concentração.

Fechou os olhos, concentrou se primeiro. Mirou bem, e ao jogar acertou uma, mas errou a outra.

— Que pena, esta passou raspando. — Kelvin lamentou perder a décima bolinha.

— Parabéns, aqui está o seu prêmio. — Disse o rapaz da barraca de jogos, entregando a boneca para Queila.

— Foi por pouco rapaz, quase que ela fica sem a boneca.

— Isto não foi nada fácil! E eu que pensei que iria acertar todas...

Ela abraçou a boneca assim que pegou das mãos do rapaz, e consolou Kelvin.

— O que importa Kelvin é que você ganhou! Não é mesmo moço?

— É sim garota. Não é todo mundo que consegue. — Respondeu o rapaz o elogiando.

Disse ela primeiro — Muito obrigado e boa noite.

— Boa noite. — Disse Kelvin em seguida.

— O que faremos agora?

Depois de ganhar um presentinho, ela não pensava em mais nada.

— Você quer comer maçã do amor ou algodão doce? E enquanto comemos não se esqueça de dizer qual o meu prêmio.

— Não quero nada que me faça fugir da minha dieta. Quanto ao seu prêmio posso lhe dar agora mesmo.

Ela se aproximou dele e com uma das mãos segurou o seu rosto e lhe deu um beijo na bochecha. Ele não esperava por isto e ficou desajeitado.

—Vamos? Eu quero ir na barca. — E o puxou pelo braço.

Mas, o passeio não parou por aí, eles ainda se divertiram em outros brinquedos, antes de retornarem para suas casas.

Depois do primeiro encontro, os dois além de se tornarem bons amigos se tornaram um casalzinho bem romântico. Embora fossem vizinhos não saiam do telefone. E passaram a caminhar todas as manhãs juntos com Capucho, que foi quem saiu ganhando nesta história.

Alonso mais do que ninguém torcia para que estes dois dessem certo.



SETE

Sorte ou azar

Certo dia ainda pela manhã, Kelvin acompanhou o seu amigo até o escritório onde trabalhava. O assunto era o cachorro novamente.

— Quer dizer que o cachorro continua o mesmo.

— Disse Alonso chegando a sua mesa.

— Não tem jeito mesmo vou dá-lo a ela de presente. Vai ser melhor assim. Mas desta vez sem brigas.

— E sua tia? Não vai ficar chateada?

— Vou contar a verdade. Ela é muito compreensiva.

Um colega de Alonso passou perto da mesa e sinalizou que o chefe estava vindo. — A conversa tá boa, mas não estou trabalhando Kelvin.

— Tudo bem foi mal, vou deixar você fazer o seu serviço. Não quero atrapalhar.

— Não fala assim, para mim é um prazer conversar com você, é que aqui tem muitos olhos em cima de mim.

— Até mais. — Ao sair ficou pensando alto. — Quero passar antes na floricultura e depois em uma bomboniere. Pensando bem chocolate não é uma boa ideia. Vou comprar frutas.

Alonso ficou só olhando o amigo falando sozinho. E saiu sacudindo a cabeça sem nada dizer.

Kelvin seguiu com o planejado. No caminho de volta para casa uma ambulância ia passando no momento em que ia atravessar a rua. Estava distraído em seus pensamentos e quase foi atropelado. — O que é isso? Que susto! — Pensou ele. E vários que estavam na rua se perguntavam o mesmo.

— O que terá acontecido? — Perguntou para uma senhora sentada na porta de sua casa.

— Deve ter sido um acidente. — Disse ela.

Kelvin entrou na floricultura e pediu um lindo buquê, mas mudou de ideia ao ver um vaso com uma planta muito bonita e perguntou para a atendente:

— Qual o nome desta planta?

Ela respondeu:

— Begônia.

— Lembrei do que disse minha tia um dia desses. “Se quer dar flores dê uma que dure para sempre.”

A moça sorriu e concordou.

— Sua tia está certa. Vou dar lhe, algumas opções: Begônia, que você já viu e tem em várias cores, temos violetas e amor perfeito.

— Gostei de amor perfeito.

— Boa escolha, se é para sua namorada.

Após sair da floricultora seguiu para mercearia e comprou as frutas. Mas seu pensamento não saía da ambulância.

— Não sei o que é, mas estou com um mau pressentimento. Aquela ambulância parecia estar vindo

do meu bairro. Mas é muita coincidência. — Sacudiu a cabeça para espantar o pensamento.

— Nada haver.

Ao se aproximar da rua de sua casa avistou a movimentação e a fumaça e logo percebeu que se tratava da casa de Queila. Correu e viu bombeiros e polícia e lembrou-se da ambulância. Chegando perto passou por entre as pessoas e tentou entrar na casa, mas foi impedido por um bombeiro.

— Você também mora aqui? — Perguntou o oficial.

— Não senhor, mas sou o namorado da moça que mora aqui. Onde ela está?

— A ambulância já a levou para o Hospital.

— Como ela está?

— Apesar de inconsciente e de ter uma fratura na perna, aparentemente não houve nada de mais grave.

— Posso pegar os documentos dela antes de ir para lá?

O bombeiro o acompanhou por medida de segurança, para pegar a bolsa e a agenda telefônica. Aparentemente a casa estava intacta, mas o fundo da casa estava destruído, a cozinha e o cômodo ao lado estavam em escombros. E kelvin temeu pela vida do seu cachorro, quando se lembrou dele.

— Vocês viram um cachorro grande e branco?

Os bombeiros e os policiais presentes ali disseram que não. Então ele chamou por Capucho. Para o alívio de Kelvin, ele apareceu ao ouvir sua voz. O pobrezinho estava assustado com a explosão e se escondeu no quarto dela.

Ele abraçou o cachorro e disse:

— Você é mesmo um covarde, porque não protegeu Queila?

— Vamos rapaz. Disse o Bombeiro. — Não podemos ficar aqui, é muito perigoso. Pode haver desabamento. Vamos interditar a área.

— Sim! Obrigado. Kelvin foi em casa primeiro deixar as coisas que carregava, deixar o seu cachorro em segurança e depois ir para o hospital.

No caminho ligou para o seu amigo. E ligou também para quem julgou ser importante informar sobre o acidente.

— Alonso. Houve uma tragédia com Queila, uma explosão de gás foi a causa.

— Como assim?! Você está com ela?

— Não. Tem como você ir para o hospital agora comigo.

— Vou pedir permissão para sair e te encontro lá.

— Me espere aí mesmo, passo no seu escritório para irmos juntos para lá.

— Está bem. Até daqui a pouco.

Kelvin também encontrou o telefone do Sr. Artur e ligou para ele. O qual se prontificou a ir até o hospital prestar a sua solidariedade.

Chegando ao hospital procuraram por informações e a enfermeira disse que a jovem já estava sendo operada. E que eles precisavam aguardar e Kelvin foi preencher a ficha dela.

Aos poucos a recepção foi ficando cheia de gente procurando por notícias da jovem. Como se tratava

de um cirurgia demorou para que tivessem notícias dela. De repente falou uma enfermeira.

— Quem aqui é parente da paciente Queila Tavares?

Mas não havia nenhum parente, então a mesma explicou:

— Somente parentes poderá vê-la.

Kelvin protestou.

— Nem eu que sou o namorado dela?!

— Infelizmente não.

— Isto não é justo.

Alonso um pouco envergonhado com o showzinho do amigo o puxou pelo braço. — Fique calmo, amigo. Ela tem razão, regras são regras. Se ao menos fossem casados, mas não.

Kelvin passou o tempo todo no hospital, enquanto a Alonso, teve de retornar ao trabalho.

À tarde os interessados foram informados de que a paciente já se encontrava em seu quarto, porém ela ainda se encontrava numa ala que só parentes poderiam visitá-la. A enfermeira reforçou o aviso.

Neste momento chegou o Sr. Artur e Kelvin o reconheceu e foi ao seu encontro. Após relatar os detalhes de como tudo aconteceu segundo os bombeiros, o Sr. Artur disse:

— Me sinto responsável, a casa é muito antiga e com um sistema de gás velho. Eu já deveria ter me livrado daquilo. Onde estão os familiares da jovem?

Respondeu Kelvin.

— Eu não sei, não tive como falar com eles, só liguei para a agência e para umas amigas dela.

Neste momento o dono da agência de modelo em que Queila trabalhava, chega e vai até o balcão de informações. E ao perguntar sobre ela, chama a atenção dos dois que também se aproximam.

— Com licença. — Diz o Sr. Artur. — Também conhecemos a senhorita Queila. Eu me chamo Artur. Fui eu quem alugou a casa para agência em que ela trabalha.

— Há! Sr. Artur, prazer em conhecê-lo.

Eles não se conheciam, pois quem fechou o acordo de locação do imóvel foram seus funcionários.

— Prazer. — E se deram as mãos.

— Eu me chamo Aécio.

O Sr. Artur perguntou:

— Você já conhece o Kelvin?

— Este rapaz me parece familiar.

E Kelvin justificou.

— Sou o namorado dela. E também sou o seu vizinho.

— Agora me lembro, eu o vi nas fotos das redes sociais dela. — E também apertaram as mãos.

Mas antes que a conversa continuasse, os pais de Queila chegam e se aproximam do Sr. Aécio.

— Boa tarde. Disse o pai da moça. O trânsito estava horrível e demoramos a chegar.

— Boa tarde. — Disse a mãe, que preocupada com sua filha foi logo perguntando.

— Como a minha filha está?

Kelvin tomou a palavra respondendo:

— Ela está, bem segundo o que a enfermeira disse. Teve apenas uma fratura que precisou passar por cirurgia. Mas não podemos vê-la só parentes

podem visitá-la neste momento. — E levou a mão até um dos bolsos da calça e tirou a sua carteira, abriu e retirou a identidade de Queila. — Aqui está o documento dela.

— Muito obrigada meu jovem.

O Sr. Artur fez questão de dizer:

— Este é meu cartão. Estou à disposição de vocês para qualquer coisa de que precisarem. Se quiserem transferi-la para outro hospital é só me falar.

Disse o pai da jovem:

— Muito obrigado. — E entraram para vê-la.

Eles ainda não sabiam quem Kelvin era. Queila não havia falado sobre ele com seus pais. Sabendo disto Kelvin resolveu voltar para casa e retornar no dia seguinte. Vendo o jovem sair o Sr. Artur ofereceu-lhe uma carona para casa.

— Vamos? Eu te levo, e aproveito para ver como as coisas ficaram lá na casa.

Kelvin passou a noite em claro. O seu cachorro inquieto subia no balcão da cozinha para olhar pela janela, o quintal da casa na esperança de ver Queila, em outro momento descia as escadas para olhar pela janela da frente. Sem notícias ele não conseguia se concentrar em seu trabalho e resolveu ir para o hospital. Desta vez seu amigo não poderia ir com ele. Chegando lá encontrou o pai de Queila descendo as escadas.

— Bom dia senhor, lembra-se de mim?

— Sim! Você é o amigo da minha filha.

— Isto mesmo. Como ela está?

— Já está bem mais disposta e irá ser transferida esta tarde para outro quarto, assim que o médico

autorizar. Então poderá receber visitas além das pessoas da família.

— Muito obrigado pela atenção.

Apesar da vontade de vê-la ter sido muita, não podia fazer nada a não ser esperar dar a tarde para poder vê-la. E retornou para casa. Ao meio dia Alonso ligou para Kelvin.

— Já tem notícias?

— Sim. Esta tarde nós já poderemos ir vê-la.

— Que bom. Vou pedir para sair mais cedo para poder vê-la. A gente se encontra lá?

— Sim.

Kelvin chegou primeiro e esperou pelo seu amigo na entrada do hospital. Alonso chegou logo em seguida. Foram até o balcão e se identificaram, mas antes Kelvin perguntou qual era o número do quarto para onde ela havia sido transferida, e Alonso escreveu num pedacinho de papel que estava em seu bolso e logo subiram as escadas para visitar Queila.

Estavam conversando e sorrindo. O término da escada dava de frente para o quarto sem número. E olharam de longe o número do quarto seguinte.

Disse Alonso ao olhar para papelzinho.

— Olhe que sorte! Não teremos que procurar muito, o próximo é o dela. — O próximo quarto tinha uma placa com o nº 110.

Ao verem várias pessoas chorando na porta do quarto ambos pensaram no pior e invadiram o mesmo sem nem pedirem permissão. O corpo sobre a cama estava coberto por um lençol. Kelvin começou a chorar ajoelhado ao lado da cama e falava em voz alta.

— Como pode ser isto? Hoje mesmo me disseram que ela estava bem!

Alonso apenas consolava seu amigo com a mão em seu ombro.

— Não me deixaram vê-la, me perdoe Queila! Eu tentei.

Então um homem se aproximou e falou.

— Que nome foi que você disse?

E Alonso quem respondeu, pois o seu amigo estava em soluços.

— Ele disse Queila.

— Desculpa interromper, amigos. Mas vocês estão chorando pelo defunto errado. Esta é minha tia e ela já estava bem velhinha, foi morte natural.

Alonso tornou pegar o papel em seu bolso para averiguar o número do quarto.

— Mas este não é o... Nº 110?! — Logo percebeu que havia algo de errado.

— Não, é o quarto nº 011. — Respondeu o homem.

Kelvin ao ouvir aquelas palavras engoliu o choro. Levantou-se e encarou Alonso com um olhar fulminante. — Eu vou te matar!

O homem segurou ambos pelo braço.

— Aqui não! Vá matar ele em outro lugar. — E os colocou para fora.

Alonso olhou o papel em sua mão novamente para entender o que havia acontecido. Kelvin arrebatou o papel das mãos dele e viu que estava escrito dois palitinhos e uma bolinha. Qualquer um que tentasse ler aquilo poderia deduzir ou uma coisa “110” ou outra “011”.

— Você é algum analfabeto? Aprende a escrever cara! Não viu que o quarto que vem depois deste é o de nº 012.

— Também não precisa ofender. Eu estava distraído. — Alonso olhou direto para o número na parede e percebeu que a placa estava de cabeça para baixo e reivindicou a parcela de culpa de Kelvin. — E você? Também não viu que era o quarto errado? Você também ouviu o que a enfermeira dizer o número.

E cobrindo o rosto com as mãos, lamentou com vergonha.

— Paguei o maior mico por sua causa. Quem estar mais ofendido aqui?

— Eu também fiquei assustado, isto não conta?

— Não adianta reclamar vamos para o quarto certo desta vez.

Chegando ao quarto certo que ficava um andar logo acima, eles a viram sentada na cama acompanhada de seus pais, do Sr. Aécio e de amigos. Quando ela os viu demonstrou muita alegria.

— Meninos! Eu estava com muitas saudades de vocês.

Eles se aproximaram entusiasmados com a alegria dela. Kelvin não podia beijá-la, já que os presentes, com exceção do Sr. Aécio e Alonso não sabiam o que ele era dela.

Após um discreto abraço entre eles. Ela percebendo que Kelvin estava desajeitado os apresentou aos demais que não os conheciam. E resolveu dizer para todos quem era Kelvin. E seus pais ficaram surpresos, mas não reprovaram o namoro, já que

puderam ver todo o esforço e preocupação que o jovem demonstrou por ela. O Sr. Artur chegou em seguida dando uma boa notícia.

— Boa tarde para todos. — E com um sorriso largo aproximou-se da cama e disse. — Queila, minha filha. Trago uma boa notícia, consegui outro lugar para você morar. Não é tão grande como a minha casa velha, mas tem piscina. O que acha?

— Não precisava fazer isto Sr. Artur. Eu poderia ter feito isto sozinha.

— Não. Você agora é minha responsabilidade. Não me faça esta desfeita!

— Tudo bem eu vou aceitar.

— Kelvin! — O Sr. Artur colocou a mão em seu ombro e o chamou. — Venha comigo precisamos conversar.

O Sr. Artur comprou a casa e mandou reformá-la, queria honrar o contrato de aluguel que tinha feito com a agência. E se desculpar com a moça que poderia ter perdido a vida. E pediu a Kelvin que lhe fizesse o favor de supervisionar a obra para garantir a segurança da casa.

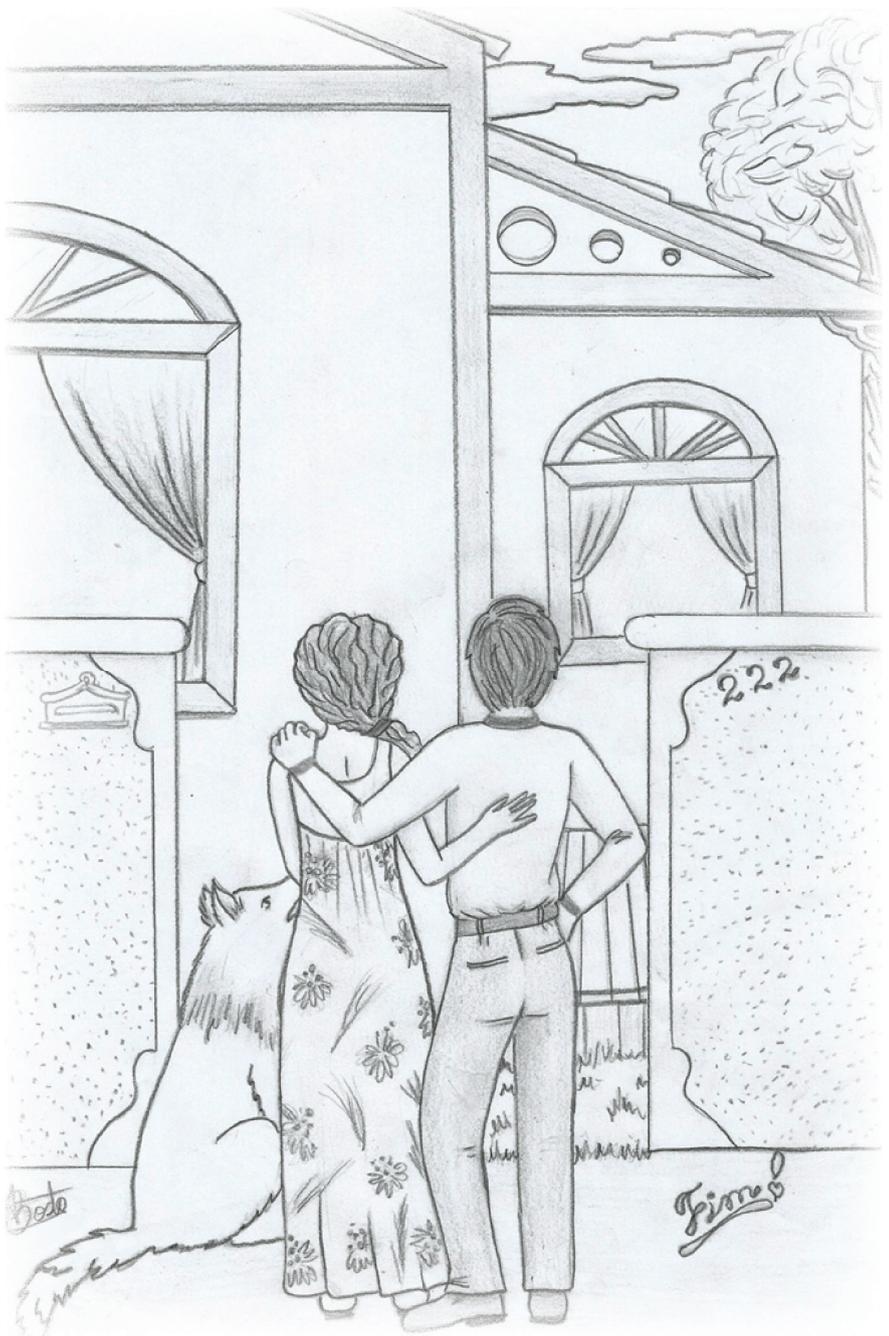
— Claro! Mas também quero um favor seu.

— Pode dizer meu jovem.

— Não quero que ela saiba de nada.

— Quanto a isto não se preocupe, da minha parte ‘boca fechada!’

O Sr. Artur lhe deu liberdade de escolher e decidir tudo sobre a reforma. Ele ia quase todos os dias na casa e fazia isto com o maior prazer.



OITO

A casa nova

Alguns dias se passaram e Queila estava se recuperando bem. O Sr. Artur pagou um hotel para que ela e seus pais ficassem hospedados até que o novo lar estivesse pronto.

Kelvin cuidou da pequena mudança de Queila. Foi buscá-la no hotel para conhecer a casa nova.

— Bom dia!

Queila e seus pais responderam ao seu cumprimento.

— Bom dia.

— Você parece que está muito mais animado do que eu para conhecer a casa. — Queila fez uma observação, ela não imaginava que ele, mais do que, conhecia a casa, ele supervisionou tudo para deixar do jeitinho que ela iria gostar.

Todos pegaram suas malas e desceram pelo elevador. Kelvin não dizia nada apenas sorria. Ao se aproximar do carro ele quebrou o silêncio.

— Não vejo à hora de ver a sua reação quando chegarmos lá. Eu trouxe uma venda e quero que você use.

— Kelvin, para com esta bobagem!

— Se não tiver surpresa não tem graça.

— Tudo bem. — Queila olhou para seus pais que também não sabiam de nada, e entraram todos no carro. Ela colocou as vendas já dentro do veículo. Kelvin fez um sinal de silêncio com o dedo em frente de sua boca para os pais dela. Eles sorriram concordando com a brincadeira. Distraída com a conversa deles Queila nem viu o tempo passar e logo chegaram.

— Pronto. Chegamos! Não tire a venda ainda. — Ele estacionou o carro em frente à garagem da nova casa, saltou e deu a volta rapidamente para abrir o portão e retornou ao carro para ajudá-la descer. E para atizar a curiosidade dela falou: — A surpresa está lá dentro. — Na verdade disse isso para não revelar tudo de uma só vez.

Ainda com o pé enfaixado andava com o auxílio de uma muleta. Kelvin conduziu a jovem para dentro da casa guiando-a. Seus pais vinham logo atrás observando o cuidado que ele tinha com sua filha. Ele só deixou tirar a venda dentro da casa, e Capucho quando viu a porta abrir e ela aparecer, sua felicidade era enorme! Logo pulou em cima dela, foi quando a moça removeu a venda e abraçou o cachorro.

— Capucho! Também veio me receber? Você é a minha primeira visita. — Mas esta ainda não era a surpresa.

— Gostou da casa? — Perguntou Kelvin.

Ela deu uma rápida olhada a sua volta.

— Sim. — E ficou deslumbrada.

— Está vendo estas flores? E apontou para um vaso sobre a mesinha da sala.

— Sim, são lindas.

— Elas se chamam Amor Perfeito. Eu as comprei, no dia do acidente, e não tive a oportunidade de dá-las pra você.

— Obrigada! Você está muito romântico hoje.

— Tem mais!

— O que é desta vez?

— Capucho agora é seu.

— Você não vai parar de me surpreender?

E pela janela da sala, ele apontou para uma varanda na lateral da casa, onde as coisas que ela havia comprado para o cachorro estavam espalhadas. Por que Capucho já havia feito sua tradicional baguncinha e brincado um bocado.

— Aqui tem um cantinho só dele. E sempre que você precisar que eu fique com ele, é só me dizer.

— Tem certeza de que você quer dar ele para mim?

— Sim. Será a desculpa perfeita, para todas as vezes que eu sentir falta de um de vocês dois. — Passando a mão na cabeça do cachorro e abraçando ela de lado, completou:

— Pense bem, não tem como visitar um, sem ver o outro. Concorda comigo?

— Você realmente é muito esperto.

— É por isto que eu me amo. — Brincou Kelvin.

— E convencido! — E ela deu um soquinho em seu ombro. — Eram estas a surpresas que você tinha para mim?

— Não! Resta a mais importante. Vamos comigo até a rua?

— Não! — Ironizou ela. — Não me diga que agora vou ganhar um carro 0 km?

— Melhor do que isto!

Havia algumas árvores que impediam a visão imediata das casas do outro lado da rua e o muro era o outro empecilho. Ao abrir o portão ela teve a maior das surpresas. A casa que o Sr. Artur conseguiu para ela, ficava bem em frente à de Kelvin.

— Gostou? — Perguntou ele, já vendo a expressão no rosto dela.

— Não poderia ter sido melhor. — Ela o abraçou

— Tá pensando que é só isto? — Olhou para o relógio em seu punho e resmungou. — Já deveriam ter chegado.

— Quem?

Um carro parou em frete a casa e ela viu Sr. Aécio e Alonso, que haviam ido buscar tia Íris na rodoviária, que ela ainda não conhecia. Antes que eles pudessem saltar do carro o Sr. Artur chega em seguida com a sua esposa para visitar Queila e ver como a casa ficou depois de pronta.

Naquele dia foi só alegria, um momento inesquecível na vida de Kelvin. Parados na calçada, juntos ele Queila e Capucho, olhavam para os seus convidados, Kelvin se perguntava, como a sua vida mudou tão rápido, e olhando para Capucho respondeu em seus pensamentos:

— Foi tudo culpa sua. Mas mesmo assim, obrigado meu garoto, por você existir. Agora a vida parecia estar perfeita. E os três viveram felizes para sempre...

Copyright ©
2021

.....
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser armaze-
nada,
fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos,
eletrônicos
ou outros quaisquer sem a prévia autorização do
autor.

Publique seu livro com a Editora Nocego
RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI
CNPJ: 24.983.429/0001-04
www.editoranocego.com.br
Contatos: (73) 988737177 - 99978-9435
editoranocego@gmail.com

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA



**GOVERNO
DO ESTADO**

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.